

MUIDINGA E TUAHIR: UMA HISTÓRIA PERMEADA PELAS FACES DO EXÍLIO

Ana Cláudia Ferreira de SOUZA (UFPA)¹
Sandra Maria JOB (UFPA)²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma leitura sobre o exílio na obra *Terra Sonâmbula* (1993) de Mia Couto, enfocando tal tema principalmente nos personagens Muidinga e Tuahir. Para atingir esse objetivo, nos respaldamos na teoria de Edward Said [s.d], além de outros estudiosos sobre o tema. Conclui-se ao final do trabalho, que o exílio é a principal causa da busca por um refúgio, da solidão e da tristeza dos personagens.

PALAVRA-CHAVES: Exílio. Solidão. Refúgio.

Este trabalho tem como meta apresentar uma análise sobre o exílio dentro da obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, a partir da vida de Muidinga e seu tio Tuahir. Mas antes de chegarmos ao verdadeiro foco do trabalho, faremos uma apresentação do autor e de sua obra.

Mia Couto é um dos escritores moçambicanos mais conhecidos no estrangeiro. Liliane Lobo (2013) explica que sua estréia se deu com a publicação do livro de poesias *Raiz de Orvalho*, em 1983, que mostra a sua ligação com a África. A partir daí escreveu romances, poemas, contos e crônicas, ganhando inúmeros prêmios no decorrer de sua trajetória como escritor. Ele traz nas suas obras uma escrita que apela para o lado mais “natural” das coisas, explorando a ligação humana à terra, à natureza. As suas obras têm levado a língua portuguesa além fronteiras, enaltecedo sempre a sua estreita ligação com as tradições e cultura africanas.

Pedro Puro Sasse da Silva (2013) vem completar dizendo que o primeiro romance de Mia Couto foi *Terra Sonâmbula* (1993), considerado um dos melhores livros africanos do século XX. Esse romance é rico em descrições de cultura, aborda aspectos históricos e o imaginativo de um povo, da sociedade moçambicana.

A obra, ainda de acordo com Silva (2013) é constituída de dois focos narrativos, de um lado temos a história de um menino chamado Muidinga e seu tio Tuahir, que andam por uma longa e deserta estrada fugindo da guerra. Em dado momento eles encontram uma série de escritos que quando lidos pelos personagens formam o segundo foco narrativo, que é a história do menino Kindzu e sua vontade de tornar-se um naparama. Ele também conta que além de Muidinga e

¹ Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal do Pará - Campus Marajó-Breves

² Professora Doutora da Universidade Federal do Pará - Campus Marajó-Breves

Tuahir, *Terra Sonâmbula* também tem em seu enredo outros personagens como, Taímo, Farida, Carolinda, Virginia, Euzinha, entre outros.

Posto isto, cabe agora algumas considerações sobre exílio, mas o que seria o exílio?

Segundo a enclopédia livre *Wikipédia*, a palavra exílio tem sua raiz no latim *exilium* banimento, degredo. É o estado de estar longe da própria casa, cidade ou até mesmo nação. Consta ainda que pode ser definido como a expatriação, voluntária ou forçada de um indivíduo, podendo ser utilizada outras palavras como, banimento, desterro ou degredo. E completa dizendo que isso se dá quando alguns indivíduos, sentindo-se ameaçados ou vítimas de perseguição política, buscam exílio por iniciativa própria em outros países, sem que tenha havido nenhum ato legal ou jurídico que, de fato, cause sua saída. A isto, costuma-se chamar autoexílio ou exílio voluntário, porém essa modalidade de exílio costuma ser questionada por apoiadores do regime que motiva a saída do dissidente, por não configurar "teoricamente" um exílio imposto, mas é tratada de igual para igual com os exílios forçados por organizações de direitos humanos.

Historicamente o exílio é um estado que se perpetua através dos tempos, o que nos faz lembrar o que Said ([s.d.], p. 47) diz sobre a diferença do exilado de outrora e do exilado de nossos tempos. De acordo com ele, em nossa época a guerra é moderna, motivada pelo imperialismo e ambições teológicas dos governos totalitários, o que faz transformar a nossa era, em era dos refugiados, da pessoa deslocada, da imigração em massa. Ele também ressalta que o exílio não pode ser visto pelo lado humanista e nem estético, pois ele é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, é produzido por seres humanos para outros seres humanos. Percebemos isso ao lembrar a trajetória do exílio no decorrer dos tempos, pois ele esteve presente na história do povo judeu (exílio babilônico), na independência do Brasil e em outros períodos históricos se perpetuando até os dias atuais.

O trauma do exílio é reproduzido na perda da identidade, na dor, na ruptura e no repreensível ou estranho. Neste contexto, Czeslaw Milosz (1993, apud MONTAÑÉS, 2006, p. 17) afirma que o exílio é a situação existencial do homem no dia a dia, pois na modernidade o homem ainda não superou a permanência em situação de desterro. As conquistas de um exilado são constantemente repreendidas e destruídas pelo sentimento de estranhamento e perda, crendo que todo exilado é um naufrago que luta por sobreviver num território estranho onde o desterro, a aniquilação e o silêncio se fazem presentes.

Do mesmo modo, Edward Said ([s.d.], p. 46) diz que:

O exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.

(SAID, [s. d.], p. 46)

Essa separação entre a terra e a pessoa, causa um sentimento de rompimento com a sua origem, pois não só o lugar é deixado para trás como junto com ele ficam todas as lembranças do seu passado, já que o exilado se sente impossibilitado de um dia voltar ao lugar e é forçado a começar a sua vida em outro lugar.

Amanda Pérez Montañés (2006, p. 29) também acrescenta que o exílio não é apenas um estado físico, espacial ou temporal, mas também um estado mental. Esse sentimento de perda primordial nos leva a um sentimento ainda maior e que nos acompanha no exílio: a nostalgia, que é a melancolia produzida pela saudade da pátria.

Said ([s.d.], p. 49-50) completa com a afirmação de que o exílio está ligado ao nacionalismo, pois este remete ao pertencimento a um lugar, a um povo, a uma herança e cultura, que com a associação ao exílio, luta para evitar seus estragos. Ainda de acordo com ele, os nacionalismos se referem a grupos e o exílio é uma solidão vivida fora do grupo, pois há a privação de não estar junto dos outros da mesma origem. Assim os exilados estão separados das raízes, da terra natal, e do passado. Isso nos remete a crer que o exílio é uma fuga com o objetivo de evitar maiores prejuízos para aquele que diante da guerra ainda se encontra vivo, ou seja, seria a alternativa de sobrevivência mais viável diante de uma situação ou perigo. Porém essa fuga nem sempre é em grupo, podendo ser individual, o que acarreta um maior sentimento de solidão e perda por não ter a presença do outro, aquele com quem você dividirá a sua mesma língua, a sua mesma história ou a sua mesma origem, trazendo outra consequência, a saudade da terra “querida”

Assim, Amanda Pérez Montañés (2006, p. 09) afirma que o exílio é fruto da condição humana e um problema de múltiplas nuances. Ele apresenta um fato real e assunto literário, por isso a experiência do exílio está presente na literatura de todos os tempos.

Tendo visto todos esses argumentos teóricos sobre o exílio, adentraremos agora no ponto para onde converge a nossa pesquisa, ou seja, a análise sobre o exílio dentro da obra *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, a partir da vida dos personagens Muidinga e seu tio Tuahir.

Os personagens Muidinga e Tuahir tiveram de ir embora de sua terra com o objetivo de fugir da guerra moçambicana, para isso, tiveram que ir a pé por uma estrada sem um destino definido, sem se importar para onde estavam indo ou vindo, apenas tinham a esperança de encontrarem algum lugar que servisse de refúgio, para assim manterem a sua sobrevivência diante de todas as consequências que a guerra veio causar em suas vidas, como prova o texto:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bamboleiros como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara a terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. (COUTO, 1993, p. 09)

No que se refere a refúgio, Said ([s.d], p. 50) diz que “os exilados sentem a necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas”. Por isso, uma das formas de se reconstituir a vida é (re)fazendo um lar – seja como for – num carro, numa casa de sapê, enfim, em qualquer lugar. Ora, por que voltar para o lugar de origem? Em meio a tanto infortúnio causado pela guerra, voltar ao lugar de origem seria entregar-se a destruição de suas vidas, daí a ânsia em recomeçar uma nova história em outro lugar.

Esse fato também nos recorda a Andréia Alves Pires (p. 09) quando ela declara que a impossibilidade de rever e de morar novamente na casa de origem, provoca no exilado a necessidade de buscar um novo lar.

Então vemos que quando Muidinga e Tuahir encontram um autocarro queimado à beira da estrada, esse lugar se torna o “refúgio tranquilo” que estavam procurando e provavelmente local onde se daria o recomeço para a suas vidas, visto que os dois sentiam a necessidade de um novo lar.

Além de um refúgio, da necessidade de um novo lar, os exilados também buscam algo no outro. Muidinga e Tuahir, por exemplo, ora têm um sentimento de tio para sobrinho, ora um sentimento de pai para filho, nos fazendo acreditar que o exílio provoca um fortalecimento grupal e podemos observar isso quando Said ([s.d], p. 51) nos afirma que um sentimento de solidariedade de grupo cresce e ao mesmo tempo uma hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo, mesmo para com aqueles que podem, na verdade, estar na mesma situação que você.

Um refúgio, um novo lar é, portanto, o grande objetivo de um exilado, já que perdeu suas raízes e voltar (para sua terra natal) já não é possível. Entretanto, recomeçar a vida longe da sua terra natal não é tarefa fácil, ainda mais quando você está em um lugar desolado pela guerra e desabitado como era o caso de Muidinga. Para Silva (2013), viver em um ambiente desolado faz com que os menores elementos ganhem suma importância. Muidinga, por exemplo, ao ver um cabrito perto do ônibus tem uma sensação de estar em uma vila novamente, em uma vida normal. Ele diz também que o simples fato de ter algo familiar com que se relacionar cria um forte vínculo, tanto é verdade que, em relação ao cabrito,

Surge ali um novo motivo de briga. Muidinga opõe-se a que o bicho seja morto. O cabrito lhe dá um sentimento de estar em aldeia, longe daquele lugar perdido. No fato, se passava o inacreditável: um bicho lhe trazia de volta o sentimento da família humana. O velho insiste em assar o cabrito: o rapaz deixasse o tempo passar e pensaria mais com a barriga. A fome quando ferra nos faz feras. Muidinga retira uma corda da maleta. *Vou amarrar o bicho aqui pertinho*, anuncia. (COUTO, 1993, p. 43)

O súbito amor pelo animal é possível de explicar, pois Said ([s.d], p. 54) diz que “grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar. O novo mundo do exilado é logicamente artificial e sua irrealidade se parece com a ficção.” Daí o fato de Muidinga tentar fazer daquele lugar o seu “novo mundo”, embora fosse artificial e tivesse um quê de irreal.

Além da perda da terra natal, o exilado também perde sua identidade – cultural, família pessoal. Por isso, Muidinga ao viver essa ruptura com a sua terra de origem, ainda não sabia ao certo a sua identidade. Até o dia em que Tuahir resolver narrar o acontecido a ele:

O velho, enfim, acede. Limpa o chão onde se vai sentar em preparativo de que se iria demorar. E conta: ele estava no campo de deslocados, vindo de sua aldeia distante. Uma noite lhe pediram para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas. Os corpos estavam em uma cabana, por baixo de uma velha lona. [...]. Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando reparou com espanto: os dedos de uma das crianças se cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos se agarravam à vida, lutando contra o abismo. [...]

- *Parem, aquele miúdo ainda está vivo!*

Os restantes coveiros se entreolham, duvidosos. E voltam a puxar os corpos: haver um vivo nada altera. [...]. O velho sai do grupo, não tem coragem para sepultar um vivente. Já o menino se afundava em areias que atiravam no buraco quando ele se recordou:

- *Deixem esse: é meu sobrinho...*

- *E você cuida dele?*

- *Sim, eu lhe trato.* (COUTO, 1993, p. 63-64)

A explicação acima pode ser dada por Kurnitzky (1993, p. 23 apud MONTAÑÉS, 2006, p. 29) que diz que “o ventre materno recém abandonado, servirá mais tarde como modelo mítico para todas as fantasias do paraíso. [...] Não é a imagem perdida a que está em jogo nesta alucinação senão a meta da história como atualização da história do gênero humano em seu conjunto”.

Contudo, saber de onde viera, não traz alento, nem família de volta. Muidinga e Tuahir continuavam sós, pois os que habitavam ali a guerra já os havia “carregado”. Então eram apenas eles e o machimbombo³. A solidão e a tristeza acabam se tornando uma constante e “No convívio com a solidão, [...] o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados” (COUTO, 1993, p. 10), pois no seu mundo exilados, dentro do próprio país, eles não tinham/viam esperanças no amanhã. E tinham consciência disso, pois

Mais tarde, se começa a escutar um pranto, num fio quase inaudível. É Muidinga que chora. O velho se levanta e zanga:

- *Pára de chorar!*

- *É que dói uma tristeza...*

- *Chorando assim você vai chamar os espíritos. Ou se cala ou lhe rebento a tristeza à porrada.*

- *Nós nunca mais vamos sair daqui.* (COUTO, 1993, p. 13-14)

O sentimento de perda rondava os personagens, por causa da guerra haviam perdido tudo. Agora, Muidinga e Tuahir eram o único elo que os ligavam um ao outro ao passado, a terra.

Os dois personagens durante a história se encontram com mais duas pessoas, Siqueleto, um velho solitário e Nhamataca, um fazedor de rios. Esses encontros fazem com que Muidinga e Tuahir vejam que ali tão próximo daquele lugar, não há somente eles a mercê da guerra. Nhamataca é um velho conhecido de Tuahir, ele se torna um elo entre o tio de Muidinga com o seu passado e com a sua origem, porém esses personagens acabam morrendo, fazendo assim, com que Muidinga e

³ ônibus

Tuahir sintam cada vez mais o sentimento de perda, não só por conta da sua terra como das pessoas. Esse sentimento de perda fica ainda mais evidente quando Tuahir adquiri uma doença e pede para Muidinga colocá-lo em uma canoa para morrer no mar, o que aumenta a dor do menino pela morte do tio, tão presente naquela época.

Com tudo isso que foi visto, vemos que hoje em dia a maioria das pessoas se ausentam do seu lugar de origem por uma série de motivos e o principal é o trabalho, porém sabemos como é difícil essa separação por conta do apego emocional dessas pessoas aos que permecem no lugar. Contudo, essa mudança acontece de forma programada e ciente por parte de quem esta indo embora. Agora imagine uma pessoa que por motivo de guerra deve o mais rápido possível partir para poder não só manter a sua vida mas a vida daqueles que lhes rodeiam. Essas pessoas, assim como Muidinga e Tuahir, sentirão, ao longo de toda a sua trajetória para um refúgio, sentimentos de solidão, de tristeza, de rompimento com as suas origens, de angústia por ser um estrangeiro e o sentimento do dever de ter que (re)construir uma nova identidade e uma nova morada em outro lugar.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

LOBO, Liliane. **Mia Couto, Trinta Anos de Literatura**. 2013. Disponível em: <<http://informacaolusonda.blogspot.com.br/2013/03/mia-couto-trinta-anos-de-literatura.html?m=1>> Acesso em: 25 Jan. 2014.

MONTAÑÉS, Amanda Pérez. **Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba**. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89324/231627.pdf?sequence=1>> Acesso em: 27 Jan. 2014.

PIRES, Andréia Alves. **O estranho estrangeiro e a poética do vestígio em “bem longe de Marienbad”**. [s.d.] Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CE0QFjAE&url=http%3A%2F%2Frevistas.fw.uri.br%2Findex.php%2Fliteraturaemdebate%2Farticle%2Fdownload%2F420%2F757&ei=7WTmUs26NI3xkQfAkYDwDw&usg=AFQjCNFpWZ3ToO6LZl4SMU7RnX4kmSokCw&sig2=jguR9569o1j6rMirQKTM-w&bvm=bv.59930103,d.cWc>> Acesso em: 27 Jan. 2014.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, [s. d.].

SILVA, Pedro Puro Sasse. **Mia Couto e a Ideologia Moçambicana: Realidade e Fantasia em Terra Sonâmbula**. 2013. Disponível em:

<<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2013/05/mia-couto-e-ideologia-mocambicana.html?m=1>> Acesso em: 25 Jan. 2014.